

Avaliação pessimista

No dia em que alguns problemas afetaram a colocação do país em um ranking mundial (leia texto ao lado), o Brasil recebeu uma avaliação pessimista de empresários nacionais. Diretores da federação e do centro das indústrias do estado de São Paulo (Fiesp e Ciesp) fizeram uma avaliação pessimista do Indicador do Nível de Atividade (INA) de agosto, que teve leve alta de 0,9% em relação a julho, com ajuste sazonal (elimina influências típicas do período). Além disso, traçaram uma perspectiva ruim para o conjunto das indústrias ao término do ano.

Nessas circunstâncias, as duas organizações mantiveram a projeção de crescimento da indústria paulista em torno de 4% para este ano em relação a 2004. "O crescimento da indústria será modesto para não dizer medíocre", opinou o diretor do Departamento de Economia da Fiesp, Paulo Francini.

O diretor de Economia do Ciesp, Antonio Correa de Lacerda, disse que, diante do desempenho da economia mundial e, principalmente, do verificado entre países emergentes, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro teria condições de crescer "pelo menos o dobro" do que deverá atingir ao final do ano, na casa de 3,5%, conforme projeção do Banco Central (BC). "É evidentemente equivocada a visão do BC de trabalhar com um PIB potencial de 3% a 3,5%. Acima disso, o BC entende que há risco inflacionário e coloca toda a política econômica para restringir o crescimento, um erro na nossa visão", analisou Lacerda.

Entre as críticas, o tom mais elevado foi direcionado ao nível elevado do câmbio, com a sobrevalorização do real ante o dólar da ordem de 25% na visão dos dirigentes das entidades industriais. "Em outras vezes que tivemos sobrevalorização do câmbio, tivemos que pagar o preço mais à frente. Neste momento, este preço está sendo postergado pelo excelente momento da economia mundial, mas, com certeza, o pagaremos no futuro", afirmou Francini. Entre os custos a serem pagos, o diretor da Fiesp citou "o forte desestímulo ao investimento".

As entidades também criticaram a política fiscal federal e o "conservadorismo dos gastos em relação às receitas obtidas". Segundo Lacerda, os investimentos do governo federal realizados até o momento se posicionam na casa de 20% dos valores orçados.

Pequenos

O faturamento das micro e pequenas indústrias paulistas apresentou crescimento de 1,4% em agosto ante julho, quando houve queda de 0,2% em relação a junho, conforme sindicato do setor (Simpí). Apesar da discreta elevação, motivada, segundo o sindicato, pela colocação dos estoques no mercado, a Pesquisa Mensal de Conjuntura do segmento apontou queda, pelo segundo mês consecutivo na atividade produtiva, com redução, de 67,8% para 66,7% do Uso da Capacidade Instalada (UCI) das empresas.